

Lyra acolhe os 'tucanos'

Uma das primeiras notícias que Fernando Collor recebeu quando chegou ao Brasil, na última quarta-feira, dava-lhe conta das articulações de forte setor político empresarial em viabilizar a candidatura de Mário Covas. Por trás disso, ainda segundo a versão de Collor a amigos, estava o advogado Jorge Serpa, ligado a Roberto Marinho. "Concluíram que eu não era confiável, porque mostrava muita independência, respaldado pela larga preferência no eleitorado", confidenciou Collor a um amigo na última sexta-feira.

Collor está convencido que o discurso de Mário Covas e a escolha de Roberto Magalhães, ex-governador de Pernambuco, faz parte dessa articulação. Ele acha que com essa estratégia perderá parte da mídia, mas que o candidato *tucano* perderá votos. Na opinião de Collor, uma das vantagens de Covas era a nitidez de sua proposta, que nasceu com a dissidência do PMDB surgida exatamente por discordância com a falta de autenticidade do partido que convivia como uma frente, da direita radical à esquerda xiita. Agora, como Collor, Roberto Magalhães é um egresso do PDS, e dentro da ideologizada política pernambucana, Magalhães está mais à direita que o candidato do PRN.

O primeiro resultado desta opção *tucana* pode ser colhida com a conversa de três horas que o deputado Fernando Lyra, candidato a vice de Brizola, teve ontem com Cristina Tavares, uma das maiores expressões da esquerda do PSDB. Lyra aproveitou o radiante domingo de sol de Brasília para convencer a amiga que era hora de mudar de ninho, deixar o PSDB pelo PDT. Lyra está certo que conseguiu. Cristina pediu tempo. Pelo menos até conversar com seu grupo político em Recife para decidir o caminho a tomar. Lyra tem cacife. É velho amigo de Cristina Tavares, um dos responsáveis pela sua entrada na política, em 1978. E ontem a encontrou em um momento de revolta com o PSDB.

Não era para menos. Não bastasse Roberto Magalhães ser egresso do PDS, ter feito sua carreira política com apoio da direita, é seu principal adversário político em Pernambuco. Além disto, como contou a Lyra, toda articulação para levar Magalhães para vice do Covas foi feita sem seu conhecimento. Ela só soube da adesão quando o fato estava consumado. Cristina pensava em recorrer contra a entrada de Magalhães argumentando que os estatutos do PSDB obrigam militância de um ano até que o filiado chegue a candidato. Evidentemente, este não é o caso de Magalhães.

A ida de Cristina Tavares, entretanto, se vier a se concretizar, virá mais por Fernando Lyra que por Brizola. Magalhães optou pelos tucanos como poderia ter ido para o PDT. Até o início da última semana, Magalhães jurava a Leonel Brizola que levaria o PTB a apoiá-lo, para obter a fusão do trabalhismo. Afinal, Roberto Magalhães está no PSDB como poderia estar no PDT.

A escuta

Fernando Collor descobriu na última semana que os telefones de seu comitê, em Brasília, estavam todos grampeados. Uma varredura feita por empresa especializada constatou que não só seus telefones, mas o da empresa Cap Software, que lhe presta assessoria, também estavam sob escuta clandestina. Collor instalou equipamento preventivo em seus aparelhos. Um misturador de voz e outro que detecta com luz vermelha qualquer tentativa de escuta.

Quem saiu definitivamente perdendo na história foi o SNI. Collor está convencido que é o Serviço Nacional de Informações que está escutando clandestinamente suas conversas. "Se me restasse alguma dúvida para acabar com o SNI ela se desfez agora. Não quero que a União continue patrocinando um serviço que apenas serve para atuar em áreas que não lhe dizem respeito, como as greves, por exemplo, ou para bisbilhotar a vida dos contribuintes. O SNI não passa de um cabide de empregos, que tem que acabar imediatamente", disse, revoltado, Collor na última sexta-feira.

Angústia

O ministro Mailson da Nóbrega acorda todos os dias angustiado. Antes do primeiro gole do café da manhã, lê a sinópse da *Radio-brás* para conhecer as manchetes dos jornais. Só depois se acalma. Vive tenso. Teme que uma declaração infeliz de alguma autoridade, de empresário, estabeleça o pânico na área econômica e rompa o frágil limite que separa o país da inflação alta da hiperinflação.

O governo, no entendimento de Mailson, tem feito o possível para evitar o descontrole inflacionário. Tem obtido êxito, ainda que moderado, no controle dos gastos públicos, conseguido melhoras na arrecadação de tributos e mantido as reservas brasileiras em moeda estrangeira em níveis razoáveis. Mas isto não basta. Mailson agora quer ver se segura o bicho pela outra ponta: o lado psicológico.

Nos próximos dias, Mailson dedicará boa parte da sua agenda para encontros com líderes empresariais, sindicais, economistas e com editores de jornais e televisão. Tentará mostrar que cabe a eles a responsabilidade pelo ângulo psicológico da inflação, isto é, de criar o clima propício para o Brasil mergulhar ou não na hiperinflação. Mailson quer convencer os formadores de opinião pública que a hiperinflação é perfeitamente evitável, se todos apostarem nisto. Mas se pregarem que a hiperinflação virá, aí ela virá mesmo.

Etevaldo Dias